

**AFRICANIDADES, ORIXÁS E FLAMENGO: UM OLHAR A PARTIR DA LEI
10639/2003**

AFRICANITIES, ORISHAS AND FLAMENGO: A REFLECTION ON LAW 10639/2003

AFRICANIDADES, ORIXÁS Y FLAMENGO: UNA MIRADA DESDE LA LEY
10639/2003

Perolina Souza Teles¹ 0000-0001-7334-6553

Wolney Nascimento Santos² 0000-0001-9581-1567

Fabio Zoboli³ 0000-0001-5520-5773

¹ Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, Sergipe, Brasil; perolinasouza@hotmail.com

² Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, Sergipe, Brasil; wolneyns@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, Sergipe, Brasil; zobolito@gmail.com

RESUMO:

Este escrito propõe uma aproximação entre esporte e divindades das religiões de matriz africana. Tal justaposição é feita com a finalidade de deslocar o esporte dos códigos dos gestos técnicos e regras para o campo da cultura e das relações étnico-raciais, valorizando a história afro-brasileira, através do debate das africanidades. Deste modo, este ensaio tem como objetivo interpelar o esporte como conteúdo da Educação Física, a fim de reflexionar a história, a memória e a cultura dos povos africanos e afrodescendentes na formação do povo brasileiro, conforme instituído na Lei 10.639/2003, que inclui no currículo oficial das redes de ensino a obrigatoriedade desta temática. A partir da exposição de duas crônicas, que relacionam atletas do Flamengo com a mística dos orixás, conclui-se que conteúdos como estes são potentes politicamente na medida em que são transgressores da episteme colonial.

Palavras-chave: lei 10.639/2003; esporte; africanidade; orixás; flamengo.

ABSTRACT:

This paper attempts to approach sport and the deities of African religions. This juxtaposition is made with the aim of moving sport from the codes of technical gestures and rules to the field of culture and ethnic-racial relations, valuing African-Brazilian history through the debate on Africanities. Thus, this study aims to address sport as Physical Education teaching topic, in order to reflect on the history, memory and culture of African and African-descendant peoples in the constitution of the Brazilian people, as established in Law 10.639/2003, which includes this theme in the official curriculum of schools. From the exhibition of two chronicles, which relate Flamengo athletes to the mystique of the Orishas, we conclude that topics such as these are politically potent insofar as they transgress the colonial episteme.

Keywords: law 10.639/2003; sport; africanity; orishas; flamengo.

RESUMEN:

Este escrito propone un acercamiento entre el deporte y las deidades de las religiones de base africana. Esta yuxtaposición se realiza con el objetivo de trasladar el deporte desde los códigos de gestos y reglas técnicas al campo de la cultura y de las relaciones étnico-raciales, valorando la historia afrobrasileña, a través del debate sobre las africanidades. De esta manera, este ensayo tiene como objetivo cuestionar el deporte como contenido de la Educación Física, con el fin de reflexionar sobre la historia, la memoria y la cultura de los pueblos africanos y afrodescendientes en la formación del pueblo brasileño, según lo establecido en la Ley

10.639/2003, que incluye la obligatoriedad de este tema en el currículo oficial de las redes educativas. De la exposición de dos crônicas, que relacionan a los deportistas del Flamengo con la mística de los orixás, se concluye que contenidos como estos son políticamente potentes en la medida en que son transgresores de la episteme colonial.

Palabras clave: ley 10.639/2003; deporte; africanidad; orixás; flamengo.

Introdução

A Lei 10.639 – que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" – aprovada em 2003, no primeiro mandato do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, atendeu a uma antiga pauta de solicitações das entidades do Movimento Negro organizado no país. A pauta trazia em si um compromisso civilizatório pelo pleno exercício da cidadania política das pessoas, assegurando o direito à igualdade de condições de vida, ao tempo em que atribuía ao sistema educacional brasileiro que garantisse o desenvolvimento das pessoas em sua plenitude de alteridades e contextos, a partir do acesso as mais diversas fontes de conhecimento da cultura brasileira.

Essa legislação trata do estabelecimento de uma política curricular fundada em dimensões históricas e sociais oriundas das circunstâncias no Brasil, tendo como fim, combater o racismo e as discriminações que atingem a população negra. Para tal, a lei propõe que no trato pedagógico sejam trabalhados conteúdos que promovam a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos na construção de uma nação democrática em que todos, igual e equitativamente, tenham seus direitos garantidos para produzirem e cultuarem representações que servirão de referência de identidade valorizada para todas as gerações diacrônica e sincronicamente (Diretrizes Curriculares Nacionais, 2013).

A fim de promover acesso a história, a memória e a cultura dos povos africanos e afrodescendentes este ensaio propõe uma aproximação entre esporte e as divindades da religião Iorubá. Tal justaposição é feita com a finalidade de deslocar o esporte dos códigos dos gestos técnicos e regras para o campo da cultura e das relações étnico-raciais, valorizando a história afro-brasileira, através do debate das africanidades proposta na Lei 10.639/2003. O escrito é fruto de um projeto de extensão intitulado “Urubu de letra” que tem como objetivo narrar, via crônica¹, a paixão pelo Clube de Regatas do Flamengo.

¹ Algumas dessas crônicas (não todas) foram publicadas no portal “Ludopédio” – o maior portal de futebol da América Latina. Este portal tem um escopo político ligado ao futebol e é um dispositivo que luta contra o preconceito de gênero e raça no campo esportivo, além de preservar a memória esportiva futebolística.

No entanto, essa narrativa tem a intenção de ir além de um simples dissertar sobre uma paixão futebolística, ela pretende também aproximar o Flamengo às temáticas ligadas ao âmbito das ciências humanas e dos estudos culturais. Deste modo, este texto propõe, através de um recorte do projeto, vincular escritos que ligam o Flamengo e seus personagens históricos a partir da abordagem descolonizadora, trazendo as reminiscências da memória e da mística religiosa africana ressaltando mitos, heróis e heroínas do panteão Iorubá.

Esta relação simbólica da mística dos reinos Iorubás (África Ocidental) se dá através da diáspora negra no continente americano. E, aqui no Brasil, constitui papel fundamental na formação da identidade cultural da sociedade brasileira, contribuindo com a vida, o trabalho, com as crenças e as narrativas alegóricas que solevam conceitos civilizatórios e também pedagógico, na perspectiva de significar uma outra forma de conceber a plena diversidade e alteridade entre as pessoas. Sobre isso, convém reiterar que os mitos das divindades Iorubás aqui apresentados em relação com os personagens do Clube de Regatas do Flamengo, estão para adiante desses mesmos personagens serem ou não negros(as), ou de pertencerem ou não a religião afro. Sobretudo, pretende-se trazer as relações simbólicas que permeiam a presença no consciente e no imaginário do povo brasileiro, no caso dos esportes, as contribuições da cultura africana na diáspora afro-brasileira (Poli, 2019).

Nesse sentido, vamos trabalhar com a epistemologia da Afrocentricidade de Molefi Kete Asante, suspendendo duas categorias básicas de análise: a axiologia e a cosmologia. A primeira trazendo princípios que resgatam os valores éticos e morais dentro de uma perspectiva humanista. E, a segunda, abarcando a cosmogonia Iorubá, através dos mitos do herói e da heroína, por meios do Orixá e seu oriki.

Consoante a Ivan Poli, na sua obra “Antropologia dos Orixás (2019)”, o oriki está constituído dentro das tradições literárias da oralidade Iorubá como uma das formas de “evocação”. E, sobre a significação etimológica da palavra oriki, temos: *ori* (origem/cabeça) e *ki* (saudação). Portanto, dentro da mística iorubá, o oriki, faz referência a uma “saudação à cabeça” as nossas origens dentro de uma relação telúrica e espiritual com o sagrado.

Segundo Reginaldo Prandi (2010), para os Iorubás e os adeptos da sua religião, sobretudo na América, os Orixás têm uma significação espiritual de estreita circunstância com a vida. No seu livro “Mitologia dos Orixás”, Prandi (2010) explica tal vinculação:

[...] os Orixás são deuses que receberam de Olodumare ou Olorum, [...] a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana (p.10).

Dentro desse escopo, neste ensaio, foram trabalhados alguns personagens esportivos ligados a história do Clube de Regatas do Flamengo, fazendo convergência e aproximação de sua vida plena, ao arquétipo da representação simbólica de Orixás na mística Iorubá, presentes no imaginário da sociedade brasileira diaspórica. Neste sentido, o remador rubro-negro Stuart Angel Jones (1946-1971) foi narrado a partir do Orixá Ogum e a força da guerreira Iansã foi interpelada a partir da jogadora de vôlei Isabel Salgado (1960-2022).

Deste modo, o ensaio tem como objetivo interpelar o esporte, como conteúdo da Educação Física, a fim de reflexionar a história, a memória e a cultura dos povos africanos e afrodescendentes via apresentação de divindades Iorubás. Os Orixás, são referências geradoras de identificação no interior dos processos culturais de resgate ou fortalecimento da identidade negra. Além do mais, conhecer a mítica da religiosidade Iorubá potencializa a não violência histórica sofrida por ela. Para contracenar com os Orixás, trazemos ao texto a memória de atletas da história do Flamengo.

O Flamengo tem uma relação histórica muito forte com as questões do preconceito racial dirigido ao negro no que tange a sua mascote: o urubu. Na década de 1960, a torcida do Flamengo era pejorativamente denominada de “urubus”. Isso porque, grande parte de sua torcida era composta por negros pobres da periferia. A pobreza sempre esteve veiculada, em nosso imaginário, àqueles/as à margem do acesso aos bens materiais, remetendo-nos à figura de pedintes, que vivem do lixo, das sobras e que não têm perspectivas. Pela cor da ave e por ela se alimentar de restos ou de sobras de animais mortos (carniça), o “urubu” se tornou ícone e símbolo desta grande torcida via associação com o negro pobre (Correia; Zoboli, 2022).

Em maio de 1969, quatro torcedores do Flamengo capturam um urubu no lixão da cidade o levam para o Maracanã. Antes da partida contra o arquirrival Botafogo, a ave sobrevoa o estádio e cai no gramado, presa a uma flâmula do clube. Esse inusitado e, ao mesmo tempo, significativo acontecimento acabaria passando para a história do clube (e de sua torcida) como um ato sintomático de uma sorte sem precedentes: nesse dia, o Flamengo vencera o Botafogo por 2 x 1 e quebrara o jejum de nove jogos sem ganhar da equipe de General Severiano (Correia; Zoboli, 2022). Ao final do jogo a torcida em êxtase cantava: “é urubu... é urubu”. Deste dia em diante a grande massa rubro-negra oficializa sua mascote.

No entanto, para que o mascote não fique reduzida ao negro, mas sim a toda uma gama de torcedores, e de igual modo, para que a luta contra o racismo e a religião Iorubá não se reduza a imagem do negro, é importante mencionar que:

O encontro entre o signo do urubu e o acontecimento proporcionado por ele não acabou por produzir uma essência de urubu “*ad eternum*”, nem uma representação fiel

da nação rubro-negra. Se inicialmente foi possível ligar a imagem do urubu com a torcida do Flamengo a partir de signos que já estavam sedimentados, o “ato fundador” narrado abriu uma fenda por onde toda a nação rubro-negra foi arrastada, uma fenda de perpétua produção de sentidos múltiplos e singulares acerca do urubu e da própria torcida. Essa fenda é um verdadeiro vetor de atualização do urubu e da torcida, operando uma variação contínua de sentidos que emergem a cada ressonância do urubu com sua gigantesca e múltipla torcida (Correia; Zoboli, 2022, s/p).

A partir desse personagem, que se tornou um ícone de uma torcida, especialmente por compor com ela o desvelamento de preconceitos enraizados historicamente, reiteramos a importância da constante luta pela abertura de espaço e disputa nos currículos escolares por interpretações outras, que contem também as histórias das mucamas, dos movimentos abolicionistas, dos quilombos, de heróis negros, da mitologia Iorubá. Portanto, a apropriação espontânea do urubu pela torcida, exaltando sua imagem como esplendor de bons presságios, abre caminhos aqui para o exercício de celebração dos nossos personagens, pela via da descolonização, que conforme afirma Luiz Rufino (2021), é a principal tarefa da educação.

Sob a guarda de Ogum: a luta de Stuart Angel contra as demandas da ditadura

Ogum um guerreiro valente que cuida da gente, que sofre demais
Ogum, ele vem de Aruanda, ele vence demanda de gente que faz
Ogum, cavaleiro do céu, escudeiro fiel, mensageiro da paz
(Claudemir / Marquinhos PQD)

Pela via da sabedoria popular, a expressão “vencer demanda” nos toma para firmar a capacidade de superar dificuldades, uma espécie de potência que promove o quebranto de questões que debilitam o corpo físico e o espiritual. O “vencer demanda” é tarefa de uma planta, cientificamente conhecida como *Justicia gendarussa* – popularmente chamada como “vence-demanda” ou “abre-caminho”. Seja como for seu nome, o fato é que sua vinculação à proteção se deve ao poder de limpar, curar dores e ofertar proteção a quem tem fé. Para quem crê nas religiões de matriz africana, o Orixá que vem na frente contra as intempéries da guerra, para dar sustento, ordenar o caos e “vencer demanda” é Ogum: o senhor dos caminhos. E é a Ogum que associamos a história de Stuart Edgar Angel Jones (1945-1971), um guerreiro que lutou bravamente para “vencer demanda” contra o regime ditatorial.

“Tuti” (apelido carinhoso de Stuart), segundo sua irmã Hildegard Angel, era apaixonado pelo Flamengo desde criança. De acordo com ela, Stuart cresceu vestido com a camisa vermelho e preto do clube. No seu quarto, sempre contou com a companhia da flâmula, fiel adorno de sua parede (Angel, 2022). Em sua infância, viveu em meio às crianças com a bola nos pés, mas foi empunhando o remo que ele alcançou a glória como atleta do time do seu coração. Stuart foi

um exímio remador da equipe do Flamengo, foi bicampeão carioca na década de 1960, vencendo os campeonatos de 1964 e 1965. “Stuart era o voga, o que dá ritmo ao barco, e posso imaginar o esforço que significava para ele toda aquela preparação de atleta” (Angel, 2022, p. 96). As arquibancadas lotavam para ver Stuart, o remo em suas mãos era tal qual a espada² nas mãos de Ogum, capaz de abrir caminhos e vencer os mais difíceis combates.

Ogum é respeitado por ser um guerreiro incansável, um dos seus principais poderes é lidar com o ferro, fato que faz dele uma entidade que é conhecida por ser inflexível e implacável. Por trás de sua imponente imagem de guerreiro está a capacidade de se fazer próximo de seus filhos. Quando convocado, Ogum assume a linha de frente e não arreda da função de protetor. Acredita-se que, entre as entidades do panteão Iorubá, depois de Exu, é ele quem nos vale mais rapidamente, pois está sempre próximo e disposto para superar dificuldades.

Stuart era filho do estadunidense Norman Jones³ e da grande figurinista brasileira Zuleika Angel Jones, carinhosamente conhecida como Zuzu Angel. Zuzu iniciou sua vida como costureira para sustentar sua casa, após a separação do seu marido. Com o tempo, tornou-se uma estilista renomada, reconhecida no Brasil e nos EUA.

O filme “Zuzu Angel” (2006), do diretor brasileiro Sérgio Rezende, conta a história de vida de Zuzu na luta contra o regime ditatorial, na busca pelo corpo desaparecido de seu filho. Em uma das cenas do filme, ela afirma que vivia na ingenuidade para fazer “moda alegre num país do futuro”, desenhando vestidos com flores e passarinhos. Noutro trecho da película, Zuzu exclama emocionada: “é impossível acreditar no futuro de um país, quando seu filho, e de tantas outras pessoas, estão desaparecidos”. A história de Zuzu, contada na obra fílmica e cantada na canção “Angélica” (1977), de Chico Buarque, mostra-nos que a mãe de Stuart lutou até o fim da sua vida, com as armas que possuía – linha, tecido, agulha, trabalho e fala – pelo direito de enterrar o corpo de seu filho. A primeira estrofe da música que Chico fez para Zuzu canta o seguinte: “Quem é essa mulher, Que canta sempre esse estribilho, Só queria embalar meu filho, Que mora na escuridão do mar”

Com o golpe ditatorial de 1964, sofrido no Brasil, Stuart Angel se juntou ao grupo MR-8⁴, para lutar contra o regime militar antidemocrático que destituiu João Goulart. Nesse

² Espada de Ogum é o nome popular da planta *Dracaena trifasciata*. Acredita-se que ela tem o poder de proteger ambientes e barrar a entrada de más energias.

³ Da união conjugal de Norman e Zuzu, ocorrida em 1940, nasceram três filhos: Stuart Angel (1945), Hildegard Angel (1949) e Ana Cristina Angel (1952). Em 1960, o casal se divorciou.

⁴ MR-8 é a sigla do “Movimento Revolucionário de 8 de outubro”. O MR-8 lutou contra a ditadura militar. A data de 8 de outubro é pela memória da captura de Ernesto Che Guevara pelo exército boliviano, em 1967.

período, além de remador do Flamengo, Stuart Angel era também estudante de Economia⁵ da UFRJ, de onde foi impedido de estudar por perseguição política. Durante a ditadura, Stuart se escondia dentro do barracão de remo do Flamengo, e dali não saía para nada. Seus colegas de equipe lhe traziam comida e roupa limpa. No entanto, um dia Stuart decidiu abandonar o esconderijo com a alegação de proteger seus colegas remadores. Ele queria resguardar seus amigos da violência e perseguição militar, afinal, como ele mesmo afirmava: “está perigoso andar comigo”.

Seu treinador, Buck, descreve Stuart como “um líder manso. Quando o barco ia mal, ele atribuía a culpa a si mesmo. Quando ia bem, dizia que foi mérito dos seus companheiros” (Angel, 2022, p. 97). Foi para proteger um de seus companheiros, Carlos Lamarca, que Stuart vivenciou em silêncio a tortura na Base Aérea do Galeão, localizada no Rio de Janeiro. Em 1971, Stuart Angel foi preso e torturado pelo Regime Militar, que descartou seu corpo para virar “comida de peixe⁶” na Restinga da Marambaia. Desde então, sua família, primeiro com a mãe Zuzu (falecida⁷ em 1976) e posteriormente com a irmã Hildegard, pedem esclarecimentos ao Estado pela ocultação do corpo do remador e militante do MR-8.

Em dezembro de 2010, a então presidente do Flamengo, Patrícia Amorim, com o objetivo de celebrar a memória de Stuart, fez uma placa em homenagem ao remador. Além dessa homenagem, feita na sede do clube, Stuart Angel já tinha seu nome gravado em uma das estrelas na calçada da Gávea, logo na entrada interna da sede do clube. Em 2016, a gestão do Flamengo, sumiu não só com a placa, mas também arrancou a estrela colada ao piso na passarela do clube. A falta de consciência histórica (não só do Brasil, mas do próprio clube) e o alinhamento político negacionista sempre foi o carro-chefe de tal gestão, para além da condução das modalidades esportivas do Flamengo. O movimento de torcedores “Flamengo da gente” reinaugurou a placa 10 anos depois, sem custos para a diretoria do clube.

A placa trazia a seguinte mensagem gravada acima: “10 anos da homenagem oficial do Flamengo a Stuart Angel”. No centro da placa, os dizeres originais: “O Flamengo cria muito mais do que grandes atletas, mas também grandes pessoas. O Stuart é uma prova disso. Tudo que ele fez merece ser homenageado. Para o Flamengo, é uma honra enorme fazer parte desse momento. Fica a mensagem aos mais jovens de que não há vitória sem luta e que não há futuro

⁵ Dentro da UFRJ há até hoje o Centro Acadêmico Stuart Angel, dentro da Escola de Economia.

⁶ Expressão utilizada em uma das cenas do filme “Zuzu Angel” por um dos militares que participou da tortura de Stuart Angel, após a constatação de sua morte.

⁷ Zuzu Angel morreu na madrugada de 14 de abril de 1976, vítima de um acidente no bairro da Gávea, na saída de um túnel que hoje leva seu nome. Há indícios de que o acidente tenha sido um atentado contra a sua vida.

sem lembrar do passado; da história”. Abaixo do nome da então presidente, há ainda a seguinte frase: “Aos que lutaram por um Brasil livre, o direito à memória e à verdade”.

Em 2015, a prefeitura do Rio de Janeiro, em homenagem a Stuart Angel, inaugurou um busto talhado em bronze, feito pelo escultor Edgar Duvivier. O busto foi colocado no percurso da ciclovia que também leva o seu nome, mais precisamente na Avenida Pasteur com Venceslau Brás, ou seja, o busto fica em frente à UFRJ. Neste dia, cumpriu-se a profecia de sua mãe Zuzu Angel: “Meu filho ainda há de ser estátua em praça pública!”. Como seu corpo nunca foi encontrado, o monumento com seu busto passou a ser o túmulo simbólico de Stuart Angel.

No ano de 2019, Hidelgard Angel, com um mandado judicial em mãos, dirigiu-se ao 8º cartório de Registro Civil da Tijuca – situado na zona leste da cidade do Rio – para enfim conseguir emitir a certidão de óbito de seu irmão Stuart. No documento, a causa da morte atestava: "Morte não natural, violenta, causada pelo Estado brasileiro, no contexto da perseguição sistêmica e generalizada à população identificada como opositora política ao regime ditatorial de 1964 a 1985". Em certa medida, esse ato vence demanda e promove a justiça que tanto a família de Stuart buscou por anos. De acordo com Sandra Zorat Cordeiro (2020, s/p):

Para aqueles que acreditam no seu poder, o nome *Justicia gendarussa* vai além do latim botânico: seu uso significa que as entidades e orixás farão valer a justiça e, sobre aqueles que professam sua fé, a proteção chegará suavemente, assim como o perfume de um doce vento que sopra...

Uma das formas de rogar pelo cuidado de Ogum é saudá-lo com a expressão "Ogunhê". A proteção de Ogum é como uma benção que oferece amparo aos seus filhos. Assim como São Jorge, que no sincretismo religioso representa Ogum, oferece orientação aos seus fiéis devotos - cientes de que sob sua guarda andam vestidos e armados contra os inimigos, conforme a clemência de sua oração:

Eu andarei vestido e armado com as armas de São Jorge para que meus inimigos, tendo pés não me alcancem, tendo mãos não me peguem, tendo olhos não me vejam, e nem em pensamentos eles possam me fazer mal. Armas de fogo o meu corpo não alcançarão, facas e lanças se quebrem sem o meu corpo tocar, cordas e correntes se arrebentem sem o meu corpo amarrar.

Aproximamos a figura de Stuart à de São Jorge, um cavaleiro vestido com armadura que venceu com sua espada um inimigo grandioso: um dragão com asas que devorava pessoas. A morte de Stuart não foi em vão, sua luta para vencer as demandas impostas pelo regime ditatorial brasileiro nos aproximou um pouco mais da liberdade e transformou o próprio Stuart em um mártir na batalha contra a ditadura e em oposição a toda e qualquer forma de opressão.

Lembrar a história de Stuart Angel também é uma forma de nos manter atentos aos perigos que podem surgir quando permitimos que a soberania popular seja colocada em risco. Para que tal barbárie não volte a acontecer, lutemos como Stuart, o guerreiro de Ogum, o remador que de sua armadura de ferro fez ecoar a democracia.

A força de Iansã no corpo rubro-negro de Isabel Salgado

*Afulele, Afuleleadeo, Afulele
Oya aba kobelajoafulele
Oya bamba Oyaafulele ade⁸*

Há pessoas que, por serem tão divinas, são capazes de manifestar em vida a energia de uma entidade maior. A personagem que escolhemos para sincretizar nesta parte do texto nos parece ser um desses exemplos. Isabel Salgado (1960-2022) se apresenta aqui como referência de força, imponência e movimento, características que a aproxima da energia da Orixá Iansã, a regente de fenômenos climáticos – ventos, raios e tempestades – e da dinâmica que tanto caotiza a vida, como também a organiza. Nada passa incólume à presença de Iansã em um terreiro, assim como nada permaneceu o mesmo nas quadras, após a passagem de Isabel.

Com 11 anos, Isabel já se destacava nos jogos de vôlei no colégio no qual só estudavam meninas: o NotreDame, localizado no Rio de Janeiro. Magra e alta, poderia ter se resumido aos estereótipos das suas características físicas, afinal foi por meio delas que a princípio começou a jogar vôlei. Porém, dois anos depois, já como promessa de futuro talento, chegou ao Flamengo pelas mãos de Ênio Figueiredo para atuar nas categorias de base do clube. Em 1976, a então titular da equipe do Flamengo (medalha de bronze no brasileiro daquele ano), foi convocada pela primeira vez para a seleção brasileira.

Além da terceira colocação em 1976, pelo Flamengo Isabel também conquistou os campeonatos brasileiros de vôlei de 1978 e de 1980. Mas, o ano de 1980 reservou outras boas coisas para a jogadora, foi nesse ano que Isabel disputou sua primeira olimpíada⁹, em Moscou (Rússia). De lá, embarcou direto para a Itália, onde foi jogar no Módena. Esse acontecimento a consagrou como primeira jogadora de vôlei do Brasil a atuar na Europa. Fora do Brasil, além da Itália, Isabel também jogou no voleibol japonês. No ano de 1981, ela foi campeã sul-americana pelo time da Gávea.

⁸ Em português significa “O vento pode soprar, o vento pode coroar”. Com essa epígrafe anunciamos respeitosamente que *Oyá*, a nossa Iansã, está chegando como um vendaval.

⁹ Pela seleção brasileira de vôlei, Isabel também disputou os Jogos Olímpicos de Los Angeles (USA), em 1984.

Por onde passava, Isabel personificava uma imagem ativa, astuta, estrategista, nunca estava na inércia, sempre se colocava em movimento, dentro e fora das quadras. Logo ficou conhecida como Isabel do vôlei, provando que o fazer laboral muitas vezes se mimetiza com a própria vida. O arquétipo de Iansã se faz vivo no corpo feminino de Isabel, representando uma guerreira que luta por justiça. De origem Iorubá, o nome Iansã significa “Mãe do entardecer”. É no entardecer também que estão as matizes de suas vestes, que transitam entre tons de vermelho.

Isabel engravidou de sua primeira filha, Pilar, aos 17 anos. Com 19 anos, foi para Itália como mãe solo. Gerou outros três filhos em sua barriga: em 1983, nasceu Maria Clara; no ano de 1986, nasceu Pedro; e em 1987, Carol¹⁰. Na segunda gravidez de Isabel, ela quebrou paradigmas no esporte ao atuar no alto rendimento, disputando campeonatos pelo Flamengo até o sexto mês de gravidez. O mesmo se passou nas demais gestações, outra vez Isabel joga vôlei de barrigão e traz à tona a discussão do desafio da maternidade no esporte. Dos quatro filhos biológicos, os três últimos são atletas de vôlei – Isabel tem também um filho adotivo.

As imagens exuberantes do corpo de Isabel gerando uma vida, no pleno exercício da sua profissão de atleta, remete-nos à potência máxima de Iansã: sua capacidade de se transmutar em búfalo. A hibridização de Iansã com búfalo é uma das maiores representações de fúria existentes no panteão dos Orixás. Assim como a roupagem de Isabel, prenhe em quadra, transformou-se à época em uma das imagens mais emblemáticas do vôlei feminino até aquele momento. Com sua postura, Isabel, assim como faz Iansã, subverte lógicas, afronta padrões.

Fora das quadras, sua figura materna, demonstrada no cuidado com seus filhos e amigos, remete-nos à referência da borboleta: leve e com rara beleza. O poder de se transformar em borboleta foi dado como presente à Iansã por Exu, para que ela não esquecesse que por detrás da fúria que a governava, também estava a delicadeza, a poesia, a capacidade de transformação de si e dos lugares por onde passava.

No entanto, cabe mencionar, que as intensidades de leveza e força, transitam tanto no seu papel de mãe como de atleta. Afinal, como mãe, também foi búfalo e como atleta, também foi borboleta. O fluxo dessas duas nuances a caracterizava tanto em quadra, como fora dela.

Isabel era muito ligada à Jaqueline, amiga do vôlei de quadra, do vôlei de praia e de brigas políticas em favor das mulheres no esporte. Elas foram cortadas várias vezes por motivos de descontentamento, diante de posturas “ditatoriais” de treinadores, e por lutar pela igualdade

¹⁰ Carol segue os passos da mãe como jogadora de vôlei de praia, e segue a carreira de atleta, sendo mãe de dois filhos.

do vôlei feminino em relação ao masculino. Por esses feitos, Isabel e Jaqueline figuram como mulheres destemidas, apresentaram-se no seu tempo histórico como símbolos da luta por igualdade de gênero no esporte. Outro caso em que Isabel atuou em defesa das mulheres ocorreu no Japão, quando foi para cima do técnico japonês que deferiu um tapa em uma jogadora – foi preciso o resto do time para contê-la.

No torneio em 1982, intitulado de “Mundialito de voleibol” e realizado no Ibirapuera em São Paulo, a seleção feminina foi à final depois de virar um jogo histórico contra a Coreia do Sul nas semifinais. A disputa pela medalha de ouro foi realizada em um jogo contra o Japão. Durante a partida, a torcida do Brasil começou a jogar objetos na quadra contra a equipe japonesa, que vencia o jogo. Nesse momento, Isabel vai até a cabine de som e pelo microfone pede aos 22 mil torcedores presentes que parassem com a malcriação. O time brasileiro ficou com a medalha de prata nesse evento, que até hoje é reconhecido como um dos torneios que popularizou o vôlei feminino no Brasil. Foi também em 1982 que Isabel posou na capa da *Veja* e ali foi intitulada de “Musa do Vôlei” – título que ela mesma nunca tomou para si.

Isabel, assim como Iansã, era uma forte e corajosa guerreira, de seu trabalho árduo como mãe/mulher e atleta que vinha a sua força. Nesse campo, tal como essa divindade, podia ser serena como uma brisa, mas também destruidora como um vendaval, tanto como atacante em quadra, quanto fora das quatro linhas. Para guerrear, Iansã carrega em suas mãos uma espada e um *eruexim* (feito com rabo de búfalo), com o qual subjuga espíritos sem evolução. Tal qual Iansã, Isabel guerreava contra mentes atrasadas e cuspiam fogo defendendo seus posicionamentos políticos. As bolas que ela jogava faziam seus adversários, dentro e fora das quadras, metaforicamente, “comer bolas de fogo”. Nos rituais realizados para homenagear Iansã, são feitos em sua oferenda os acarajés – a palavra acarajé ¹¹ deriva do termo Iorubá *akara* (bola de fogo) e *jê* (comer).

No ano de 1992, Isabel migra da quadra para as areias e inicia uma carreira, também vitoriosa, no vôlei de praia. Conquistou inúmeras medalhas de ouro, prata e bronze nas etapas de mundial da modalidade e ajudou a consolidar o Brasil como potência no vôlei de praia. Nos anos de 1999 e 2000, Isabel retorna ao Flamengo para atuar como técnica da equipe feminina de vôlei de quadra. Por sua trajetória esportiva, em 2016 nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, Isabel foi uma das atletas eleitas para conduzir a tocha olímpica.

¹¹ Importante aqui mencionar que o feitio do acarajé, tradicionalmente, dá independência financeira a mulheres pretas.

A partir de 2008, a já ex-atleta passa a gestar e acompanhar a carreira de seus filhos jogadores de vôlei de praia. Foi na função de gestora que defendeu a filha Carol em 2020, após a mesma ter gritado “Fora Bolsonaro”, postura política que também é parte da herança: de mãe para filha. Por ter sido uma voz politicamente atuante e representativa no seu meio, Isabel estava sendo cotada para ser uma das lideranças do esporte no terceiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, que tomou posse em 01 de janeiro de 2023.

Fato que não se concretizou, pois em 16 de novembro de 2022, aos 62 anos de idade, Isabel faz sua passagem para *Orum* (céu dos Orixás), deixando o esporte brasileiro de luto. Certamente, conduzida por Iansã, que é responsável por transportar os mortos do *Aiê* (terra dos humanos).

O conjunto dos feitos de Isabel Salgado, em seu caminho por este plano, representa um legado de persistência e luta junto ao esporte feminino. Isabel é uma mulher bélica, um corpo que cabe perfeitamente no canto de uma das filhas ilustres de Iansã, Maria Bethânia, quando vibra em suas cordas vocais os versos¹²: “Senhora das nuvens de chumbo”, “Rainha dos raios”, “Deusa pagã dos relâmpagos”. Suas jogadas, dentro e fora das quadras, podem ser comparadas ao chamado “efeito borboleta”, que está ligado à Teoria do caos, representando a ideia de que qualquer movimento, por menor que seja, reverbera no curso dinâmico da vida. Por tudo isso te saudamos com admiração: “Olá Isabel!”, “*EparreyOyá!*”.

Considerações finais

*O que é o mundo colonial senão uma montagem de cacos?
O que é a banda de cá do Atlântico senão um aterro das sobras da construção civilizatória do
ocidente europeu?
(Rufino, 2019, p. 26)*

Na sua obra “Pedagogia da encruzilhada”, Luiz Rufino (2019, p. 26) responde as questões acima postas dizendo que “uma terra alimentada pelo sangue do sacrifício é uma terra que pulsa a invenção de outras possibilidades de vida”. E nessa potente resposta o autor traz Yangí, o Exu ancestral. “O Exu ancestral está em tudo e, mesmo despedaçado, se levanta, se reconstrói e se põe a caminhar” (Rufino, 2019, p. 26). Que lei 10.639/2003 possa ser um tijolo mais no levante dessa reconstrução.

A Lei 10.639/2003 interpela o currículo oficial, na medida em que se propõe questionadora dos parâmetros coloniais. Ela desafia desnaturalizar conteúdos históricos

¹² Versos da canção Iansã, composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil.

disseminados na educação brasileira como representação de verdade sobre os negros então fixada na identidade com o passado escravo ou o presente marginal (Nascimento, Zoboli, Silva, 2019; Coelho, Brito, Silva, 2023). Neste sentido, o objetivo deste escrito foi interpelar o esporte, como conteúdo da Educação Física, a fim de reflexionar a história, a memória e a cultura dos povos africanos e afrodescendentes via apresentação de divindades Iorubás.

Defendemos também que a escola consiga ir além dos modismos pedagógicos, dos muros e das intenções políticas que se utilizam do discurso da segregação, de que “somos todos iguais perante a Lei”, para permanecer negando o direito de termos acesso ao conhecimento historicamente acumulado sobre o assunto de que trata a Lei 10.639. A ruptura de processos de silenciamento da história africana nos currículos do ensino fundamental e médio brasileiros, convoca-nos a pensar, conforme afirma Luiz Rufino (2021) em uma educação que “garanta a vivacidade das existências e suas inscrições no tempo” (Rufino, 2021, p. 12).

Acreditamos que a aproximação entre atletas do Flamengo e Orixás, via linguagem poética das crônicas “revela a impossibilidade de separação entre ser, saber e suas formas de produção de linguagem. Assim, a emergência de outras gramáticas perpassa também pela dimensão política de defesa da vida em sua diversidade” (Rufino, 2019, p. 20). Portanto, o exercício cronista, aqui exposto, evoca a produção de um conhecimento que se contrapõe politicamente à história contada sob o ponto de vista do conhecimento “neutro” e eurocêntrico. “A colonização não se faz sem que haja um plano de ensino e um currículo que institua a aprendizagem do ser colonizado via violência e esquecimento de si para sua transformação em algo permanentemente em desvio e submisso” (Rufino, 2021, p. 18).

Defendemos que a história precisa ser contada a partir de outras vozes, a Europa enriqueceu e se desenvolveu via extermínio dos povos originários da América Latina. Desenvolveu-se com o trabalho escravo do africano, que do seu corpo emprestou o lombo e as forças. O sangue dessas civilizações foram o combustível da modernização da Europa. O colonialismo não terminou, ainda há muitos resquícios das relações de poder que ele criou e institucionalizou. Que a lei 10.639/2003 contribua não só para estancar o sangue que ainda derrama, mas para descolonizar epistemes, que se entendem “superiores” e racistas.

Referências

ANGEL, Hildegard. Na clandestinidade, houve vez em que Stuart se escondeu na garagem do remo do Flamengo. In: NETO, Helcio Herbert. **Conte comigo: Flamengo e Democracia**. 1. ed. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022. p. 95-99.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In.*: NASCIMENTO, E. L. (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; BRITO, Nicelma Josenila Costa de; SILVA, Carlos Aldemir Farias da. Sociabilidades adolescentes e grupos juvenis: relações raciais na escola. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 1, p. e11116, 2022. DOI: 10.22481/redupa.v1.11116. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redupa/article/view/11116>. Acesso em: 7 fev. 2024.

CORDEIRO, Sandra Zorat. **Justicia gendarussa Burm.f**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: www.unirio.br/ccbs/ibio/herbariohuni/justicia-gendarussa-burm-f Acesso em: 02 de fev. de 2024.

CORREIA, Elder Silva; ZOBOLI, Fabio. O urubu que logo sou... que logo somos. **Ludopédio**, São Paulo, v. 153, n. 24, 2022. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/o-urubu-que-logo-sou-que-logo-somos/> Acesso em 07/12/2023.

NASCIMENTO SANTOS, Wolney; ZOBOLI, Fabio; DA SILVA, Renato Izidoro. Cinema, educação e africanidade: corpo negro e território no documentário sergipano “Nadir da Mussuca”. **Linguagens, Educação E Sociedade**, (42), 94-118, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/les.v0i42.8672> Acesso em: 08/01/2024.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2021.

SOUZA, Perolina; ZOBOLI, Fabio. A força de Iansã no corpo rubro-negro de Isabel Salgado. **Ludopédio**, São Paulo, v. 174, n. 4, 2023. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/a-forca-de-iansa-no-corpo-rubro-negro-de-isabel-salgado/> Acesso em 25/01/2024.

POLI, Ivan. **Antropologia dos Orixás: a civilização Iorubá a partir de seus mitos, orikis e sua diáspora**. [2. ed.]. – Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm Acesso em: 28/01/2024.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Perolina Souza Teles. Professora da rede pública do estado de Sergipe. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de pesquisa “Corpo e política”.

Contribuição de autoria: confecção das crônicas e fundamentação teórica - <http://lattes.cnpq.br/9614732209870510>

Wolney Nascimento Santos. Doutorando em Educação – PPGED/UFS. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo e Política. Professor Arteducador da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe/SEDUC.

Contribuição de autoria: Fundamentação teórica e estrutura do texto - <https://lattes.cnpq.br/4930939705953130>

Fabio Zoboli. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pós-doutor em Educação pela Universidad Nacional de La Plata (UNLP-Argentina). Membro do grupo de pesquisa “Corpo e política”.

Contribuição de autoria: Estrutura do texto e confecção das crônicas - <https://lattes.cnpq.br/0682121655932961>

Como citar

TELES, Perolina Souza; SANTOS, Wolney Nascimento; ZOBOLI, Fabio. Africanidades, orixás e flamengo: um olhar a partir da Lei 10.639/2003. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 3, e14369, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v3.14369>.